



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



*Discurso na cerimônia de recebimento do
título de Doutor Honoris Causa pela
Universidade Hebraica de Jerusalém*

SÃO PAULO, SP, 18 DE NOVEMBRO DE 2001

Senhor Menachem Megidor, Presidente da Universidade Hebraica de Jerusalém; Senhor Yigal Arnon, da Universidade Hebraica; meu caro amigo Governador Geraldo Alckmin; Senhor Arcebispo de São Paulo, Dom Cláudio Hummes; Sheik Mohamed Ragit; Senhor Daniel Gavit, Embaixador do Estado de Israel no Brasil; Senador Ramez Tebet, Presidente do Senado; Senhores Ministros de Estado; autoridades do Estado de São Paulo e da cidade de São Paulo; membros da comunidade judaica; Senhoras e Senhores,

Antes de dizer o quanto me sinto honrado ao receber esta homenagem pela Universidade Hebraica de Jerusalém, quero agradecer a forma pela qual a Universidade Hebraica me outorgou este título. Isso me fez recordar que, uma vez, recebi um título semelhante em Cambridge, na Inglaterra, e quem fez a saudação o fez em latim. Como não traduziram, me vinguei: respondi em português. Aqui, não preciso me vingar. Aqui, foi com muita alegria que recebi e pude entender o significado desta distinção.

Quero lhes dizer, também, que esta distinção, neste momento, me é muito cara. Além das razões óbvias, algumas das quais explicitarei mais adiante, o Presidente da Universidade me trouxe uma carta de um amigo antigo, que é o Professor Samuel Eienstadt, um ilustre membro da Universidade Hebraica de Jerusalém, um grande sociólogo, um dos maiores do mundo, que me fez recordar, nessa carta que me enviou, que nós nos encontramos pela primeira vez aqui, em São Paulo, em 1963. Quase meio século. Portanto, data de muito longe a história do meu relacionamento com essa Universidade e data de muito longe a admiração que eu tenho por ela e pelas pessoas que lá trabalham, que lá labutam. De modo que sei o significado efetivo da concessão desta honraria.

Mas não bastasse a generosidade da homenagem, conto com o privilégio de recebê-la em São Paulo, em casa, acompanhado por amigos da comunidade judaica de São Paulo, da comunidade árabe, em uma confraternização que muito me sensibiliza e que bem expressa o espírito de amizade que une essas duas comunidades.

Minhas palavras iniciais são, como não poderia deixar de ser, portanto, dos mais sinceros agradecimentos ao Presidente da Universidade, Menachem Megidor, ao Diretor do Departamento da América Latina, Arie Zehavi, e aos demais professores e diretores da Universidade, bem como ao nosso Chairman, Presidente do *board* da Universidade.

Estejam certos de que, tão logo as circunstâncias permitam, irei conhecer de perto uma Universidade que, como acabei de dizer, sempre admirei e da qual tenho agora a honra e a satisfação de me sentir membro.

Como já foi dito aqui, a Universidade Hebraica antecedeu o Estado de Jerusalém em mais de vinte anos. Ela começou antes da Declaração Balfour.

A criação cultural teve precedência sobre a construção política, como bem disse um intelectual amigo, Jack Lang, que é hoje Ministro da Cultura da França, também agraciado com o Título de *Doutor Honoris Causa*. E fraseou bastante bem, para expressar o que

nós já dissemos aqui: a criação cultural teve precedência sobre a construção política.

Os pioneiros da Universidade também seriam os pioneiros do Estado de Israel.

O ex-Presidente Chaim Weizmann é um bom exemplo disso. Antes de assumir a chefia do novo Estado de Israel, ele já era um entusiasta da Universidade, afeto como foi às lides acadêmicas. Esteve na Universidade de Manchester. Ensinou química durante muitos anos.

E por que não recordar, mais uma vez, o que já aqui foi dito, que Albert Einstein também participou dessa construção cultural? Ainda recentemente, Jack Terpins, o Presidente da Confederação Israelita do Brasil, lembrava isso em artigo da *Folha de S. Paulo*.

Orador que foi, na inauguração da Universidade, em 1925, Einstein via a instituição como um pólo de propagação dos valores do universalismo e da tolerância, inclusive no que diz respeito à convivência com os povos árabes.

Sabemos que a mensagem de Einstein foi atendida, e não apenas nos primórdios da Universidade, quando o rico acervo da biblioteca foi colocado à disposição dos leitores árabes.

Mesmo nos períodos de maior tensão, como os últimos meses, estou ciente de que os professores não se privaram do diálogo com os núcleos de ensino superior sob a jurisdição da Autoridade Nacional Palestina.

Ressalto este ponto não apenas para louvar a comunidade científica e sua contribuição em busca da paz, mas também para acentuar que a história judaica é de fato pontilhada de momentos de intensa troca e aproximação com os povos árabes – e isso para crédito dos dois lados.

Digo mais: verdadeiras experiências civilizatórias, como a nossa, como a brasileira, puderam prosperar, entre outros motivos, por conta da abertura dos imigrantes árabes e judeus a uma convivência fraterna entre si e com as demais culturas que existem no Brasil.

Dizem os estudiosos da formação nacional que herdamos da matriz ibérica a paixão por um padrão de coexistência harmônica entre

diferentes etnias, híbrido como era o Portugal quinhentista em sua condição de fronteira, na época, entre o Ocidente e o Oriente.

Cristãos-novos e mouros já interagiam na Corte antes de se fazerem parceiros na construção do Brasil. Isso foi sempre lembrado entre nós, principalmente por Gilberto Freyre.

Mas o fato é que o Brasil Colônia hospedou algumas experiências singulares, como a epopéia dos judeus em Pernambuco em meados do século XVII, quando a capitania esteve sob domínio holandês.

Sem a ameaça da Inquisição, os judeus tiveram condições de fundar a primeira sinagoga das Américas, a chamada Rochedo de Israel (Zur Israel).

Com a expulsão dos holandeses do Brasil, a comunidade judaica se dispersou, e alguns de seus membros deslocaram-se para a América do Norte, onde ajudaram a consolidar a cidade de Nova Amsterdam, que hoje se chama Nova York.

No final do século XIX, como sabemos, o Brasil, emancipado e com necessidade crescente de mão-de-obra, passou a receber largos contingentes migratórios.

Data dessa época a chegada dos primeiros fluxos de sírios e libaneses, provenientes do que então se chamava a Grande Síria, que compreendia os atuais Estados do Líbano e da Síria.

Cristãos, muçulmanos e drusos, os sírio-libaneses fincaram raízes ao redor do Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, construindo um legado de grande valia para o desenvolvimento econômico e social do País.

Em pouco mais de duas gerações, a comunidade árabe se tornou imprescindível em campos como o comércio, a indústria e a medicina, para não falar do número expressivo de descendentes árabes no mundo da política. E nosso Presidente do Senado não me deixa mentir nessa matéria.

Uma experiência de tamanho impacto não poderia deixar de contar com escritores de grande envergadura, como Raduan Nassar e Milton Hatoum, cujas obras, naturalmente, ultrapassam os limites

de um ponto de vista étnico e são nomes de referência na literatura brasileira contemporânea.

E não menos eclética tem sido a contribuição dos judeus à vida brasileira, à vida nacional, contribuição que faz jus ao aplauso de todos nós e de muitos outros.

Dom Pedro II, por exemplo, orgulhava-se de seu profundo apreço pela cultura judaica, o que o fez visitar a Palestina. Isso é uma coisa fantástica. No século passado, nosso Imperador foi visitar a Palestina, dominava o hebraico e prestigiou talentos como Sarah Bernhardt e Louis Gottschalk, que nos deixou uma fantasia admirável ao piano do Hino Nacional brasileiro.

Aliás, quero fazer aqui uma referência, já que falo do Hino Nacional brasileiro. Cláudio Goldman, ao cantar o hino brasileiro e o hino de Israel, mostrou a plasticidade dessas duas nações. Cantou esses hinos com uma emoção que nos fez quase chorar ao ver a poesia; mesmo sem entender uma só palavra de hebraico, senti a força poética. E aqueles que entendem o português sabem o modo como ele se expressou aqui, o que mostra que Gottschalk tem bons continuadores. E isso mostra também, talvez, mais uma similaridade entre o povo de Israel e o povo brasileiro: o nosso amor à música. E uma música que fica entre o melancólico e o romântico, mas que, em certos momentos, os tambores também sabem rufar e, às vezes, além dos tambores, as cuícas tocam e nós bailamos no carnaval.

Essa plasticidade admirável é o fruto de povos como os nossos, e como os árabes também e tantos outros mais, que são produto de convivências seculares e capacidade de diálogo e de interação permanente.

As gerações mais recentes, aqui no Brasil, também se beneficiaram da convivência com nomes que significaram a cultura judaica e a brasileira em diversos campos.

Vou lembrar apenas alguns. Sei que sou injusto com muitos outros. Mas, na literatura, Clarice Lispector ou Moacir Scliar; nas artes cênicas, Eva Tudor, Natália Timberg, Berta Loran; e nas artes plásticas, Ernesto de Fiori, Franz Krajcberg, Franz Weissmann e Renina Katz, para lembrar apenas uns pouquíssimos entre as centenas de

nomes que eu podia aqui desfilar, para não esquecer da universidade, onde pessoas como Noel Nutels, na medicina, e, mais próximo a nós, porque da nossa universidade, o Professor Jacques Marcovitch, o Professor Mario Schemberg, que foi, para muitos de nós, um ídolo, não só pela capacidade que teve de produzir conhecimentos novos na mecânica racional celeste, na física, mas pela sua capacidade de ser, ao mesmo tempo, um político engajado e um homem de sensibilidade artística.

Tive o prazer de morar, logo depois de casado, aqui pertinho, na rua ao lado, São Vicente de Paula, no mesmo prédio em que morava o Schemberg. Ele morava no andar térreo. E quantas vezes passei e entrei na sua casa. Ele trabalhava em pé, escrevendo à máquina. Com uma capa de chuva dentro de casa – não sei por que, uma certa esquisitice. Mas eu ia lá por uma outra razão: ele tinha uma admirável coleção de quadros do Volpi e uma enorme coleção de crucifixos. Vejam que coisa extraordinária: grande físico, teórico, judeu, líder comunista na época – depois esqueceu disso – e, ao mesmo tempo, gostava de crucifixos e gostava do Volpi. Isso é um bom exemplo da criatividade judaico-brasileira, que, mesmo no nosso caso, tão próximo da universidade, gerou um homem que era fora de série como Mario Schemberg.

Quero, de qualquer maneira, insistir que, por valiosas que tenham sido essas contribuições individuais – citei apenas algumas, repito, excluindo muitas –, o legado maior que o Brasil recebeu de árabes e judeus foi o concurso de ambas as comunidades para a afirmação da nossa sociedade como uma sociedade plural, integrada e coesa, que é o traço distintivo da sociedade brasileira.

Se contabilizarmos o número de descendentes que aqui residem hoje – uma contabilidade de que nós, que somos da cidade de São Paulo, os paulistanos, muito nos orgulhamos –, São Paulo pode ser considerada uma das maiores cidades do Líbano, da Síria e também de Israel. E é, pela população de descendentes dessas comunidades. São Paulo é uma das maiores cidades de toda essa região.

Portanto, abrigamos aqui um Oriente Próximo, que é muito próximo mesmo de nós, e o que mais nos compraz: que viveu e vai conti-

nuar a viver em paz aqui no Brasil. Aqui, sírios, libaneses, palestinos, judeus, católicos, muçulmanos, vamos continuar vivendo em paz.

Daí a firme expectativa de todos os brasileiros, e dos paulistanos em particular, de que possamos equacionar esse conflito árabe-israelense o quanto antes, de uma maneira definitiva.

Manifestei recentemente esse propósito na Assembléia Nacional da França e nas Nações Unidas. Sei que é difícil. Tudo é difícil. Sei que, muitas vezes, é preciso ter aquilo que é a qualidade absolutamente essencial na vida política e que talvez não o seja na vida intelectual, que é a da paciência. É esperar que o tempo evolua, antes que seja proposta alguma solução que pode, eventualmente, ser bloqueada porque não chegou a hora. Na política, é essencial saber escolher o momento. Não basta ter a razão. Não basta estar certo. É preciso que os outros acreditem que você tem razão e está certo. E é preciso ver o momento oportuno para que se possa, então, fazer uma proposta que leve ao entendimento. É o que os americanos chamam de *breakthrough*. De repente, ocorre que se ofereça uma luz, há um caminho novo.

Na política, isso é sempre assim. O que, levando adiante as considerações do Presidente da nossa Universidade, parece-me ser diferente na vida intelectual. Na vida intelectual, não gostamos de repetir. Gostamos sempre de inovar. Não fica nem muito bem dizer sempre a mesma coisa. Na vida política, é preciso repetir, repetir, repetir e, de repente, o que parecia sem solução encontra solução. Talvez estejamos vivendo um desses momentos no conflito não só árabe-israelense, mas em outros conflitos no mundo, em que, de tanto se estenderem esses conflitos, quem sabe, de repente, essa solução esteja mais perto do que possamos imaginar?

São essas, de qualquer maneira, as nossas aspirações.

E o Brasil, que apoiou, como já foi dito aqui e toda gente sabe, com energia, a criação do Estado de Israel, hoje quer a formação de um Estado Palestino democrático, coeso e economicamente viável, e um Estado que respeite a segurança de Israel, porque são condições necessárias e não são mutuamente excludentes. É necessário que exis-

ta, ao mesmo tempo, um esforço sério para a construção do Estado Palestino e, igualmente, um esforço sério para que esse Estado não represente para Israel um fator de insegurança. Difícil, mas vamos fazer, vamos continuar trabalhando.

Nós, evidentemente, queremos construir uma nova ordem mundial alicerçada na paz, na democracia, no entendimento entre os povos, e isso requer muitos avanços.

Mas aqui vejo, aqui entre nós, pessoas que não apenas se recordam dos tempos difíceis de um regime autoritário, como que lutaram contra aquele regime. Vejo numa só mesa, ali, pessoas que me são muito caras. Nossa Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e nosso Rabino Henri Sobel. E não posso deixar de recordar que, naqueles anos difíceis, eles estavam juntos e muitos de nós também. E quando ninguém tinha esperança, um dia, fomos à igreja, à Catedral da Sé – e lá também foram muçulmanos rezar conosco. Nós rezamos para que terminasse a tortura e a censura, porque mais um – e, no caso, era um judeu – havia morrido. Era aluno meu, amigo meu: Wladimir Herzog. E, naquele momento, quando parecia que nada ia dar certo, dali por diante as coisas mudaram. Quem sabe, em função de termos rezado juntos.

Agora, estamos de novo orando juntos pela paz, pela paz em Israel, pela paz na Palestina, pela paz no Afeganistão, pela paz no Paquistão, pela paz na Índia, pela paz no mundo.

Mas precisamos que essa paz se construa em muitas dimensões. Alguns passos têm sido dados para a reconstrução dessa ordem mundial. Há poucos dias, em Doha, no Catar, também no Oriente Médio, alcançamos um acordo histórico para o lançamento de novas rodadas comerciais multilaterais.

Quero aproveitar a oportunidade – é a primeira vez que posso dizê-lo em público – de expressar a minha satisfação pelo resultado alcançado, que permitiu aproximar posições que eram muito difíceis de conciliar.

Lá estiveram presentes os brasileiros. Aqui, estão dois que tiveram um papel muito ativo – e não foram os únicos –: o Ministro Celso

Lafer, que chefiou a nossa delegação, e o Ministro José Serra, que juntamente com o Ministro Sérgio Amaral e com o Ministro Pratini de Moraes ajudaram a construir uma solução. O Ministro Celso Lafer foi chamado para ser um *wise man*, um sábio, para aconselhar o Presidente daquela reunião. E assim o fez. E tal foi o esforço brasileiro naquele encontro que, ao final, o Presidente da Assembléia, da Reunião, da Conferência, chamou o Ministro Celso Lafer de “padrinho e herói”.

O reconhecimento desse fato, de que conseguimos algum avanço em matérias tão difíceis, como a questão da agricultura, a questão das patentes para os remédios, o combate à Aids, que, no começo, eram matérias quase inconciliáveis. E, de repente, houve esse *breakthrough*. Houve a possibilidade de uma saída. Isso deve nos animar para que nós possamos continuar a avançar na luta contra as desigualdades e para que nós possamos, então, criar uma nova ordem mundial realmente mais tranquila e mais benéfica para todos.

Tenho dito, e repito, uma obviedade: tão importante quanto combater o terrorismo é combater as causas da intolerância e do irracionalismo. E isso passa, necessariamente, por desanuviar as tensões em toda parte. No Oriente Médio, certamente. E também pela disseminação do que tenho chamado de uma “ética da solidariedade”. Uma ética que tenha por lastro não um choque, mas o diálogo entre as civilizações.

Devo dizer que recebi, há poucos dias, em Nova York, o Presidente do Irã. E ele foi o homem que propôs às Nações Unidas uma série de estudos chamada “Diálogo das Civilizações”. Ele é muçulmano, Presidente do Irã. E falava na necessidade de uma vertente democrática que estava implementando no Irã.

Então, efetivamente, é por aí o caminho. O caminho é através do diálogo das civilizações. Até agora, Irã e Estados Unidos ainda não se falam. Até agora, é difícil, muitas vezes, a aproximação entre as partes em choque em vários setores do mundo.

Mas vê-se que, nos vários lados, há homens de boa vontade, há mulheres de boa vontade. Em vez de termos esse pensamento biná-

rio, de achar que sabemos o que é o bom, o que é o mal, por que não procurarmos uns aos outros, entendermo-nos e descobrirmos esses caminhos de boa vontade que possam levar-nos a uma paz mais duradoura e, efetivamente, a uma globalização mais solidária? Uma ética que seja atenta às especificidades nacionais e que, por isso mesmo, possa comandar a anuência de todos. Uma ética que se informe de experiências nacionais, onde a tônica é o multiculturalismo, como é o caso brasileiro.

Creio que esse é o maior traço do Brasil, e graças a esse espírito aberto e fraterno de todos os que para cá se deslocaram e fizeram uma opção. São judeus, sim, mas são brasileiros; são árabes, sim, mas são brasileiros; são muçulmanos, sim, mas são brasileiros. São católicos, são protestantes, são espíritas, são brasileiros. Mas são, sobretudo, pessoas que amam umas às outras, de boa vontade.

Que o mundo todo seja feito de pessoas de boa vontade, que amem umas às outras.

Essa é a forma que eu tenho, Senhor Presidente do Conselho, Senhor Presidente da Universidade, de agradecer esta honraria tão extraordinária que é concedida, não digo nem mais a um sociólogo, a esta altura da vida, talvez nem mesmo ao Presidente, mas a um brasileiro. Porque lá, em Israel, sabem que nós amamos o povo de Israel, como aqui foi dito.

Sabem, também, que as minhas palavras sobre a tolerância não são minhas, são de todos nós. É um coro só no Brasil: “Queremos a paz.”

Muito obrigado.